

CRIME EM LISBOA

Um novo e surpreendente romance do autor de "O Delfim"

Balada da Praia dos Cães, de José Cardoso Pires. Editora O Jornal, Lisboa; 256 páginas

Álvaro Mendes

EMBORA O Delfim, um de seus romances principais, tenha sido editado no Brasil (Civilização Brasileira, Rio, 1971), o escritor português José Cardoso Pires, que recentemente publicou *Balada da Praia dos Cães* (1982), não tem, entre nós, o reconhecimento merecido. Estreou em 1949 com o livro de contos *Os caminheiros*, influenciado pelos ficcionistas americanos (Hemingway, principalmente). Seguem-se *Histórias de amor* (1952), contos; *O anjo ancorado* (novela, 1958) e *O rendêr dos heróis* (narrativa dramatizada, 1960). Com *Jogos de azar* (contos) e *O hóspede de Job* (romance), ambos de 1963, Cardoso Pires atingiu — dizem A. J. Saraiva e Oscar Lopes — "o primeiro plano da ficção neo-realista".

Ao publicar *A cartilha do Marialva* (ensaio-panfleto, 1960), Cardoso Pires revela-se a uma luz nova. Em prosa limpa — precisão, elegância, geometrismo, flexibilidade controlada — o escritor despoja-se das ambigüidades do poeta e aponta aos críticos (não tomem, senhores, a nuvem por Juno) o núcleo de sua obra, o ponto central que as ficções, de muitas maneiras, ilustram de modo simbólico. Em *O Delfim*, (1971) apresenta a mais completa ilustração romanesca do seu pensamento, impõe-se como um mestre da moderna ficção portuguesa. O neo-realismo do começo, nunca ortodoxo, adquire novas gradações (houve quem falasse de realismo poético, ou mágico; verdade que o rótulo vale para quase tudo), fica menos comportamental. Sem perder o traçado realista, Cardoso Pires aprofunda a sondagem psicológica (não cai no psicologismo), adensa a análise social (não cai no sociologismo). A linguagem amadurece, JCP esta de posse de um poderoso instrumento de combate — chumbo e seda, a palavra domada. De então até hoje, publicou *Dinossauro Excelentíssimo* (fábula, 1972). E agora, *José?* (ensaios, 1977) e *O burro em pé* (1977, contos). Agora, *Balada da Praia dos Cães*.

Para compreender este romance maduro é indispensável delimitar o universo ideológico de JCP, de que o livro é desdobramento organi-

co e no qual tem função determinada. Para isso, uma digressão se faz necessária: JCP pertence a uma categoria rara em qualquer parte do mundo, a dos escritores inteligentes, e a uma família bem definida que, embora representada há séculos na Literatura Portuguesa, torna-se mais numerosa e nitida a partir do séc. 18 (em sentido amplo, a família dos iluministas, mais conhecidos em Portugal por estrangeirados; entre eles, D Luis da Cunha e o Cavaleiro de Oliveira). Escritor inteligente: o que não tem apenas talento específico, o "jeito para as letras", mas que é um intelectual, no sentido pleno que Paul Baran atribui à palavra — alguém que sistematicamente procura estabelecer a relação específica do seu trabalho (aqui, a ficção) com os demais aspectos da realidade humana. Como ninguém, naturalmente, pode lidar com todos os aspectos dessa realidade, e como JCP é autor controlado, capaz de síntese, parcimônia, mirada certa, elegeu um aspecto — um só, decisivo — que retrata características relevantes da vida portuguesa. Foi decerto para evitar equívocos — por exemplo: o de ser tomado apenas por "mais um talentoso romancista" — que em *A cartilha do Marialva* clarificou conceitualmente o núcleo do qual irradia toda a sua obra: o conflito, agudamente sentido em Portugal, entre espírito obscurantista e espírito moderno, entre aquilo a que António Sérgio chamou "o reino cadaveroso" (*Ensaios*, 2) e o espírito dos estrangeiros. Na linguagem de JCP: marialvismo x espírito libertino.

Marialvismo, segundo Cardoso Pires: machismo, ostensivo ou latente; culto da "santa paz dos campos", contra a mentalidade citadina (Adorno diria "astúcia camponesa"); adoração da mulher, virgem & mãe lida., mitificação do chefe (*il Duce*); a nação como grande família; predomínio do instinto, ao qual fica submetido, está visto, a razão; ódio ao agir controlado, intelectual; em suma: "certo tipo de economia e certa fisionomia política assentes no irracionalismo".

Com estas delimitações por moldura, *Balada da Praia dos Cães* tem um lugar determinado: o de iluminar um momento concreto da sociedade portuguesa durante a longa noite salazarista. O romance baseia-se num homicídio que abalou Portugal nos anos 60. Um jovem implicado no crime — a morte de um oficial do Exército que se evadira do Forte da Graça, em

Elvas — enviou a Cardoso Pires, em 20 páginas, o relato do que ocorrera. Foi tomando-as por base que JCP construiu a ficção, de acordo com a bússola antimarialva. Adotando a técnica de um quase-romance policial — a polícia procurando desvendar um caso cujos segredos, em linhas gerais, conhece — Cardoso Pires faz um levantamento da sociedade portuguesa resumida a Lisboa — uma Lisboa do período fascista, provincianíssima, policiais abjetos, chefes políticos desprezíveis, militares corruptos (o autor documental), parteiras informantes da PIDE, casadas com policiais da PIDE, donzelas pseudoliberadas, camponeses desenraizados, prostitutas, medalhões, traidores, desertores, impotentes, voyeurs, mulheres reprimidas, machos medievais — uma sociedade em que medo e mentira campeiam soberanos, tudo pelos olhos de um investigador desencantado — um voyeur — a quem o narrador, às vezes, empresta a voz. Na verdade, o crime é pretexto: o que interessa é o pano de fundo do romance, os lodos de Lisboa, o permanente clima de opressão, ausência absoluta de convívio, medo espesso, solidão de uma sociedade apodrecendo, a mesma que será abalada pelo Movimento de 25 de abril de 1974.

A quem acompanha a trajetória de Cardoso Pires, desde *Os caminheiros*, o livro causará surpresas, menos pelo enredo do que pelo caráter da escrita. Sua linguagem de grandes planos, ampla, retilínea, pombalina, com a nitidez de uma reta em paisagem tumultuada — torna-se mais fechada sobre ela mesma, travada, às vezes prosa miúda, menos visivelmente regular, dir-se-ia "empírica". O vocabulário, menos impessoal. Na ansia de sondar por dentro a realidade, JCP desce ao popularesco, ao deboche, ao chulo, ao calão lisboeta. A composição, que se adapta à técnica do romancista *doublet* de investigador, é mais solta. Alusões emblemáticas a momentos da história social portuguesa (clichês literários, figuras de heróis) pontuam a narrativa, ajudando a dissecar os personagens. As grandes qualidades de JCP continuam: uma prosa incomparável e uma lucidez violenta em luta contra uma realidade marialva, mesquinha. Na persistência dessa luta transparece a aspiração permanente do escritor a um plano superior de civilização e convívio humano.

José Cardoso Pires

